



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIA DAS ARTES**

MARLUCE CRISTINA ARAÚJO SILVA

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: Um Parto de Mim Mesma!

**BELÉM-PA
2017**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIA DAS ARTES**

MARLUCE CRISTINA ARAÚJO SILVA

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: Um Parto de Mim Mesma!

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Pará – UFPA, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em
Teatro.

Orientadora: Profa. M^a. Adriana Maria
Cruz dos Santos.

BELÉM-PA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

Silva, Marluce Cristina Araújo

A arte de contar histórias: um parto de mim mesma! / Marluce Cristina Araújo Silva; orientadora Profª M. Sc. Adriana Maria Cruz dos Santos. 2017.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura Plena em Teatro, 2017.

1. Narrativa (Retórica). 2. Autobiografia. 3. Arte de contar de histórias. I. Título.

CDD - 22. ed. 808.068543

MARLUCE CRISTINA ARAÚJO SILVA

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS:
Um parto de mim mesma!



Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Teatro, e aprovada em sua forma final pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Belém, 24 de Abril de 2017.

Conceito: EXCELENTE

BANCA EXAMINADORA:

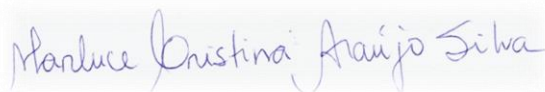
Prof.ª Me Adriana Maria Cruz dos Santos
Orientador

Prof.ª Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Examinadora

Prof.ª Dra. Rosely Risuenho Viana
Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura:



Marluce Cristina Araújo Silva

Local e Data: Belém, 24 de Abril de 2017.



Figura 1. Contando História – Arquivo Pessoal.

Esse homem, ou mulher, está gravido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória, coletiva, está todo brotado de pessoinhas. (Eduardo Galeano - A paixão de dizer/2)

Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos! (Eduardo Galeano)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer ao Universo e à Natureza, ao Senhor da Vida, Deus Pai e Mãe;

À Mãe Terra e ao Feminino Sagrado que habita em mim;

Ao Sol, à Lua e às estrelas, aos quatro elementos, Terra, Água, Fogo e Ar, aos quatro pontos cardeais, Norte, Sul, Leste e Oeste;

Ao Santo Daime, que despertou minha consciência;

A minha mãe Maria Miguel, pelo seu amor e missão de ser minha mãe em matéria e ao meu padrasto Antônio;

Ao meu Pai Maurilo (*In Memoriam*);

Ao meu esposo, Vladimir, pelo companheirismo, amor e paciência e aos meus filhos Moisés e Ângelo, que são mais um motivo para eu prosseguir e nunca desistir de mim;

Aos meus irmãos Mauro e Marília, pela parceria nesta vida;

A minha Orientadora, Professora, Mestra, Adriana Cruz, por ter confiado e acreditado em mim em todo o processo de construção;

Às Professoras, Doutoradas, Ivone Xavier e Roseli Risuenho, por junto comigo vibrarem a cada conquista neste percurso de pesquisa;

Às minhas amigas e professoras Patrícia Pinheiro e Inês Ribeiro, pela amizade e carinho;

A todos meus Mestres, que nestes 4 anos me ajudaram a aprender para ensinar;

A minha Turma de Licenciatura em Teatro, 2013, por toda parceria durante esses anos de convivência;

A minha madrinha Mona, por toda dedicação e a minha prima Silvia, por ser minha Fada Madrinha e ter me apresentado ao encantamento das histórias;

Ao meu Mestre, Mago das Histórias, Francisco Gregório Filho. Devo a ti minha Iniciação nesta linda arte de contar;

A todos os atores sociais e personagens que cruzaram meu caminho nesta longa jornada de Individuação e que, neste trabalho, os reconheço como importantes para minha integração plena, enquanto ser humano;

À Maria Esperança, por ser minha Mestra das Danças Circulares Sagradas e a todo o movimento de danças circulares sagradas da cultura de Paz;

À Mônica Gouveia, por toda a ajuda na construção da contação;

A minha amiga querida Dalízia Cruz, por ser minha parceira do começo ao fim no processo de construção e por acreditar na minha arte;

A todos os meus amigos da palavra, que também se permitem serem guiados por esta linda missão que é contar e ouvir histórias;

A todos, que junto a mim acreditam no re-encantamento de seus mundos e do mundo, por meio da arte de contar histórias;

E aos meus Ancestrais, todo meu respeito.

GRATIDÃO!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Contando História	6
Figura 2. Tempo de Criar para Curar (TCC)	11
Figura 3. Organizando o Ser Interior	15
Figura 4. Re (nascer)	25
Figura 5. O Círculo da trajetória do meu contar	33
Figura 6. Mandala em movimento	34
Figura 7. O Esfregar das mãos	38
Figura 8. Mãos aos ouvidos 1	38
Figura 9. Mão aos ouvidos 2	39
Figura 10. Mão aos ouvidos 3	39
Figura 11. Mãos ao coração 1	40
Figura 12. Mãos ao coração 2	40
Figura 13. A Saia	41
Figura 14. A Kalimba	42
Figura 15. Pássaro verde	43
Figura 16. O apito	45
Figura 17. A carta 29: Contador de Histórias	46
Figura 18. Chama Violeta	48

SUMÁRIO

INDRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - A CONCEPÇÃO E O GERMINAR	15
1.1 O começo de tudo	16
1.2 Plantar para Colher	21
CAPÍTULO 2 – A GESTAÇÃO E O PARTO	25
2.1 A Descoberta de um Grande Amor	26
2.2 O Nascimento de uma Contadora de Histórias	29
CAPÍTULO 3 – O CUIDAR	34
3.1 A menina que (re) Encantou seu mundo	35
3.2 <i>Release</i> da História	35
3.3 Iconografia	36
3.3.1 Elementos Intuitivos	37
3.3.2 Elementos Materiais	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO



Figura 2. Mandala autoral – Tempo de Criar para Curar (TCC).

A memória ocupa um lugar especial em nossa tradição nativa americana. Como as nossas histórias são transmitidas oralmente, a lembrança é cultivada como uma arte. (...) Cada dança, cerimônia, ritual, iniciação e ensinamento precisa ser guardado na memória.
(Jamie Sams - *As Cartas do Caminho Sagrado*, p. 251)

O ato de narrar vem ao longo dos séculos desenvolvendo sua função de explicar e exemplificar visões de mundo e desde a pré-história os ensinamentos eram transmitidos oralmente como forma de conhecimento e heranças culturais dos ancestrais, sendo o homem o cuidador da palavra que para muitas culturas é tida como sagrada. Portanto, a arte de contar história pode ser utilizada como instrumento de valorização do ser humano para o fortalecimento de si mesmo e o empoderamento de sua cultura. E foi por meio dessa arte que muitas sociedades mantiveram vivas suas memórias para a preservação de suas identidades.

Veja-se, então, que a arte de contar histórias, segundo Gomes (2012), é a arte da memória, que por sua vez é sempre o reencontro com a tradição social, que se efetua por meio do exercício social da oralidade. Contar histórias traz em sua origem uma tradição milenar e graças à tradição oral, muitas histórias perduram no tempo, sendo transmitidas de geração em geração. E é nesse caminho/jornada que, ao contarmos histórias, entramos em acordo com o mundo, para que a nossa vida seja harmonizada com a realidade (CAMPBELL, 1998).

Este trabalho, assim, tem como objetivo identificar a importância que a arte de contar tem em minha vida e, mais especificamente, na minha prática profissional como contadora de histórias e arte-educadora. Quais influências minha trajetória traz da contadora para a educadora e como minhas experiências tecem a trama que vem dar cor e vida a minha metodologia como educadora. E é por meio de um memorial que apresento minhas vivências, (des) encontros com pessoas que introduziram a contação de histórias na minha vida pessoal e profissional, abordando-as enquanto simbólica de um Processo de Individuação, que aos poucos vai ganhando contornos conscientes, sob a forma do meu (re) encantamento do e pelo mundo.

O Memorial, portanto, foi a forma que escolhi para a escritura do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois ao contar minha trajetória de vida, trago a metáfora de “Um Parto”, pois para me tornar contadora de histórias passei por um processo que identifico simbolicamente como individuação, caracterizado por um desenvolvimento psíquico. Portanto, escolhi esta forma de escrita acadêmica para

dialogar com meu objeto de estudo, pois a arte de contar sendo um exercício da memória não poderia ser outro caminho o melhor para tecer os fios de minha história; uma vez que um bom contador é aquele que sabe contar sua própria história (FILHO, Comunicação Oral).

Proponho este Memorial como uma retomada articulada e intencional de minha trajetória. Então, o presente TCC constitui-se enquanto narrativa autobiográfica, simultaneamente histórica e reflexiva, analítica e crítica, apontando o que cada momento dessa narrativa significou/representou, trazendo as fontes e as marcas das influências vivenciadas, das trocas realizadas com outras pessoas (SEVERINO, 1997). Além disso, a partir do pensamento de Rangel (2009), quando esta fala da modalidade de escrita “ensaio”, enquanto “maleabilidade para a direção da busca poder incluir o que encontrar de mais significativo (...) nas surpresas e encontros do caminho” (2009) percebo o memorial como possibilidade de dialogar com o leitor de uma forma mais livre e poética sobre o nosso processo criativo, sem abrir mão do rigor na tessitura da pesquisa.

Assim, tramo meu entendimento acerca de meu processo criativo, e com esse olhar desarmado para construir um criativo e cíclico fazer poético, ao mesmo tempo acadêmico, e com isso ser capaz de compreender meu objeto de pesquisa que é a arte de contar histórias como algo que tem recursos próprios de desenvolvimento e que apenas aguarda por minha entrega verdadeira, ao mergulhar no rio de minha memória, pois contar minha própria história de vida e profissional através de um memorial, me faz tecer uma linda Mandala de cores, cores estas que trago desde meu nascimento até os dias de hoje, e que se mostra recorrente em todo o meu fazer como artista pesquisadora.

Ao tecer a escrita, trago de mãos dadas comigo teóricos que vão clarear e embasar o que acredito ser “um parto de mim mesma”, Walter Benjamin vem para melhor nos nortear na importância que tem a arte de Narrar, e para melhor tramar os fios desta tessitura, peço licença para resignificar meu processo simbolicamente a partir do conceito de individuação, desenvolvido por Carl Gustav Jung (1875-1961), que segundo Sharp (1991), o objetivo de se individuar é o de se diferenciar psicologicamente, sem perder de vista a realização das qualidades coletivas do ser humano, pois é a consideração e não o esquecimento das singularidades de cada um o fator essencial de melhor rendimento social (VON-FRANZ, 2011). Além disso, a compreensão dos processos de criação, tal como abordado por Sônia Rangel, ilumina a

tessitura deste trabalho/processo, reunindo ação-imagem-sensação-intuição na construção do meu percurso de contar-criar-atuar-ensinar.

Penso meu percurso, minha jornada (como simbólica do processo de individuação) pessoal-acadêmico, tal como no conto maravilhoso, também conhecido como conto de fadas, em que a heroína se afasta do seio familiar em busca de algo e se depara com uma série de eventos, conflitos, encontros e desencontros. Trata-se de um processo de amadurecimento, criação que ao final, volta ao lar para experienciar novos processos.

Assim, este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, abordo 2 temas: a Concepção e o Germinar da minha história, momento em que, pela primeira vez, tive contato com a arte de contar histórias, que me leva a cultivar o gosto por essa arte, sendo incentivada a procurar pesquisar sobre que linguagem seria esta. O segundo capítulo também trata de 2 temas: a Gestação e o Parto da minha História, em que descubro o grande amor e missão que tenho com a arte de contar histórias, e que por meio do encontro com o Mestre Francisco Gregório, culminou com o nascimento de uma contadora de histórias. O terceiro, e último capítulo, traz como tema o Cuidar, momento em que me torno contadora de histórias e, por meio dessa arte, desenvolvo a minha “metodologia” e a utilizo no meu  f cio de Educadora. Para o desenvolvimento de tal capítulo, lanço mão da iconografia, descrição referente às imagens que fazem parte do meu processo criativo como contadora de histórias. Em outras palavras, trago um conjunto de imagens, acompanhadas de um relatório descritivo sobre elas.

CAPÍTULO 1 - A CONCEPÇÃO E O GERMINAR

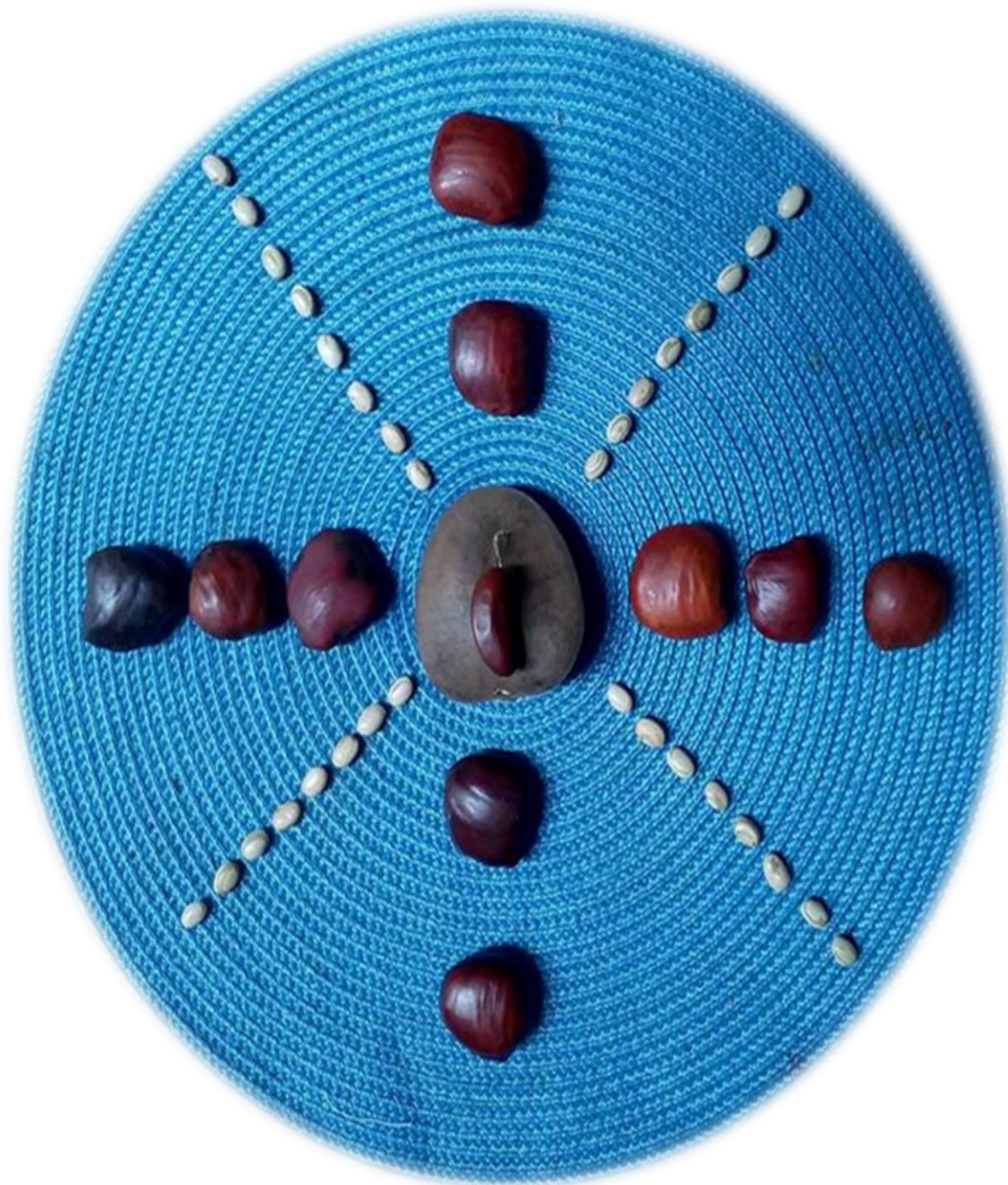


Figura 3. Mandala autoral – Organizando o Ser Interior.

*No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: “Faça-se a luz!” E a luz foi feita.
(...) (Gênesis, 1).*

1.1 O começo de tudo

Há muito tempo atrás, de um tempo que não volta mais, minha mãe me deu à luz, Belém – 26. 08. 1979, como toda criança, ela aguardava os primeiros passos, o momento das primeiras frases. No entanto, conta ela que, eu demorei muito a falar, já estava para completar 4 anos e ainda não falava, conforme o esperado para essa faixa etária. Isso começou a preocupar minha mãe, além disso, naquela época, não se dispunha de profissionais como fonoaudiólogos, que pudessem tratar do meu caso. Então, minha mãe, mulher interiorana, cheia de crendices populares, juntamente com outras pessoas, as quais diziam: “Ah! Não fala? Põe um pinto para piar na boca dela, foi então que minha mãe o fez.

Segundo Barbosa (2011), as crenças são necessidades simbólicas socioculturais, uma vez que nossas histórias de vida se vinculam intimamente à cultura e seus valores tanto morais quanto místicos. E, muitas vezes, estes valores traçam os rumos de nossas vidas, nos dão esperança e expectativa de uma vida digna. As crenças, portanto, são invenções humanas criadas diante das suas necessidades, são os recursos dos quais os homens em épocas primordiais supriam suas angústias. Penso, então, que a crença de minha mãe é algo muito latente no meu fazer, pois herdei dela essa necessidade mística e acredito ser a prática de contar histórias umas das oportunidades que tenho de me “curar” de mim mesma. Para melhor entendimento de como compreendo essa minha “cura”, recorro a Rangel (2009, p. 102), quando esta fala de seu processo criativo:

O processo criativo da minha obra pode ser descrito em linhas bem gerais em três campos distintos. O primeiro inclui um fazer intuitivo que, aparentemente disperso, recorre aos vários materiais e configurações correspondentes a demandas internas diferenciadas. Ou seja, riscar é uma demanda de limite; marchar é uma demanda de dissolução; escrever é uma demanda de circunscrever; amassar é uma demanda de contacto ou regressão; encenar é uma demanda de jogar com o vivo.

De modo semelhante à autora, o meu processo criativo também inclui um fazer intuitivo. Assim, ao termo “curar”, relaciono o termo “contar”, uma vez que o meu fazer intuitivo recorre ao contar, que é uma demanda de cura em mim. Pois, conforme veremos adiante, o fato de eu falar muito me causou, por vezes, tristeza e sofrimento, com as chacotas dos colegas e a repreensão dada pelo meu primeiro namorado. Desse modo, o meu nascimento como contadora de história foi como uma cura da culpa que sentia, por ser tagarela e não deixar ninguém falar. E Isso me dá uma sensação de estar oportunizando a mim e às pessoas algo que chamo de (re) encantamento do mundo.

Além disso, igualmente a autora, também recorro ao riscar, enquanto demanda de limite, procuro, a partir dos meus desenhos de mandalas, contornar meus limites e me organizar internamente. Vale ressaltar que o presente memorial só pôde ser materializado, a partir de um desenho da mandala, que desencadeou outros desenhos de mandalas, pois envolvida por um forte sentimento de ansiedade, só consegui o limite e a organização necessária, desenhando um elemento que simboliza o *Self* (si-mesmo), em outras palavras, minha psique. Assim, a mandala representa o centro da personalidade, por assim dizer, com a qual tudo se relaciona, intuindo a ordenação das coisas e representa, ao mesmo tempo, uma fonte de energia.

Jung observou que as mandalas surgem espontaneamente quando a psique está em processo de reintegração, em seguida a momentos de desorientação psíquica, como fator compensador da desordem. Portanto, Jung entende a mandala como uma tentativa de autocura, inconsciente, a partir de um impulso instintivo, no qual o “molde rigoroso” imposto pela imagem circular com um ponto central, compensa a desordem do estado psíquico. Conclui o autor que a mandala é um arquétipo da ordem, da integração e da plenitude psíquica, surgindo como esforço natural de auto-cura (MOACANIN *apud* DIBO, 2006, p. 116).

Até hoje, essa história do Pinto é motivo de riso entre mim e minha família. Minha mãe sempre conta, dizendo que botou o galinheiro inteiro, pois a partir daí comecei a falar, aos 4 anos de idade, e falar muito, e sempre muito tagarela! Como todos dizem.

A partir de então, já falante, minha mãe, como trabalhava, me levava para a casa da minha madrinha Mona, que por sua vez me deixava muito com minha prima Silvia. Esta me contava muitas histórias e isso faz parte dessa concepção em mim, pois as histórias vão sendo concebidas por meio da voz da minha prima, voz esta construtora

do sentido de enunciações. Penso que por meio da voz que embalou minha infância, hoje a voz da minha prima reverbera na minha prática como contadora.

Então, o mundo que está ao nosso redor é povoado de vozes de outras pessoas, a palavra sempre se direciona a alguém, dialogicamente orientada ao exterior, ao outro. A palavra que quer ser ouvida, entendida e respondida (BUBNOVA; BARONAS; TONELLI, 2011). Assim, Som da Voz/Palavra de minha prima adentrou meus ouvidos e me contava de tudo e de tudo que era jeito – contos de Fada, lendas urbanas, fábulas e contos diversos – mas eu lembro uma história, não recordo toda, mas lembro que era “A História do Rei Peidão”. Eu gostava do jeito como ela contava, eu ria e pedia para ela contar novamente. Ela, minha prima Silvia, estimulou muito meu imaginário, o mundo de fantasia, e isso eu devo a ela, que hoje é pedagoga, o meu encanto pela arte de contar histórias.

A respeito da voz e da forma como minha Prima contava histórias para mim, Coelho (1998) ressalta que a voz é o principal instrumento do narrador, sendo por ela que as emoções são transmitidas. Além disso, a qualidade da apresentação da história está pautada na postura de quem conta. Para a autora, a sobriedade dos gestos e o equilíbrio da expressão corporal são fundamentais durante a contação de histórias.

Foi nessa época também, com 5 anos de idade, que comecei a frequentar a escola. Não me recordo de ouvir histórias na escola, não há essa memória em mim. A memória que trago da escola era que me apelidavam de velha porque sempre tive as extremidades envelhecidas – mãos e pés. Recordo também das festinhas, das roupas que tínhamos que usar em datas comemorativas. Como minha mãe costurava, era ela quem confeccionava nossas roupas. Lembro dela, arrumando a gente, eu e meus irmãos.

O meu pai! Ah...o meu pai...Convivi pouco com ele. Foi funcionário público. Quando eu tinha 5 anos de idade, ele e minha mãe resolveram não mais caminhar juntos, então separaram. As lembranças que tenho dele era a de ser um homem muito honesto e carinhoso com os filhos; eu e meus irmãos passamos alguns finais de semana com ele. Morreu jovem, ao 36 anos de idade, vítima de cirrose hepática. Meu pai sofria de alcoolismo – eu estava com 9 anos.

Na pré-adolescência, lá por volta dos 11 anos de idade, por eu falar muito, era chamada de *Forrest Gump*¹. Eu sentia isso como *bullying*, “encarnação”, soava para

¹ Nome do personagem do filme norte-americano de 1994, *Forrest Gump*: O Contador de Histórias (título no Brasil). Foi baseado no romance homônimo de 1986, de Winston Groom.

mim como algo pejorativo, e era sempre devido a essa minha característica, de não ter limite, porque sempre falei muito e não conseguia parar de falar.

Simbolicamente, intuo ser neste momento o início da tomada de consciência da minha Persona. Na psicologia junguiana, a Persona representa a máscara do *Self*, aquilo que alguém parece ser. Nesse sentido, o *bullying* era recebido com tristeza. Esse sentimento se intensificou quando comecei a namorar.

Aos 15 anos de idade, namorei um rapaz chamado Hugo (namoramos por 7 anos). Ele vivia dizendo: “Ah, quando a Marluce chega, ninguém mais fala”. Hugo chamava muito a minha atenção, para que eu falasse menos, que deixasse espaço para que as pessoas também pudessem falar. Enfim, para que eu aprendesse a ouvir. E a minha reação? Eu ficava com raiva, mas hoje percebo que ele tinha razão, pois é preciso aprender/saber ouvir. Um bom contador é também um bom ouvinte de histórias (FILHO, Comunicação Oral).

Hugo, pode-se dizer, simboliza o meu *animus*, que é a personificação masculina do inconsciente na mulher” (VON-FRAZ, 2011, p. 189). Em outras palavras, é a figura anímica masculina manifestada na mulher, é formado por meio das experiências vividas com o pai ou com algumas figuras masculinas significativas ao longo da vida. Quando o *animus* está ativo em uma mulher, ele transmite, no nível psicológico, à consciência da mulher uma capacidade de reflexiva e de conhecimento de si mesma.

No que diz respeito ao período em que cursei o Ensino Médio, trago na memória que minha mãe e minha madrinha dividiam a despesa da mensalidade escolar. Eu estudava em uma escola particular, Hugo também estudava nessa mesma escola. Até que um dia minha madrinha avisou que não tinha mais condições de ajudar na mensalidade, então, como eu queria continuar estudando na escola, devido querer estar mais perto de Hugo, tive a ideia de aprender a fazer brigadeiros para vender na escola. E mais uma vez, minha desenvoltura na comunicabilidade com as pessoas me ajudou para que com a venda dos brigadeiros, eu conseguisse pagar a mensalidade da escola.

O que percebo, pela reação das pessoas é que sou engraçada. Quando conto algum caso, gesticulo, imito o jeito e a fala de quem eu falo, tudo muito no nível do gesto e é tudo muito espontâneo e as pessoas riam e pediam para eu contar fatos acontecidos no dia a dia. O fato da minha fala incomodar as pessoas mais próximas a mim, fez com que eu comesse a não querer mais falar em público, mas isso não dava muito certo porque mesmo que eu tentasse não chamar atenção, as pessoas perguntavam

o porquê de eu ficar tão calada. Isso tudo me fazia mal, eu comecei a ter vergonha de mim, e não aceitar como eu realmente era. Foi quando intuitivamente comecei a focar em minha irmã. A Marília é a minha irmã mais velha, então eu pedia para minha mãe para eu acompanhá-la em suas práticas, que nesta época era a dança. Marília fazia balé, dança de salão e ainda dançava em um grupo chamado *Frenzi*. Foi a partir daí que em 1996, fui fazer oficina de Teatro na Fundação Curro Velho (Núcleo de formação e qualificação em educação não formal da Fundação Cultural do Pará). Assim, o Palco me deu condições de trabalhar os excessos, de modo que não prejudicasse minha comunicação com as pessoas, o teatro me fez sentir melhor comigo mesma.

Comecei a fazer Oficinas de Teatro ainda aos 14 anos, em 1993. Era uma atividade mais para me manter ocupada com alguma coisa, mas eu me identificava, pois era – e continuo sendo – comunicativa, uma vez que sempre tive facilidade em expressar minhas ideias através da fala e do gesto. Eu gosto de gente! Para mim, o Teatro é a Arte de gente, de pessoas; é a Arte do coletivo, do encontro, um fenômeno. Eu gosto de buscar dinâmicas que nos possibilitem um estado alterado de consciência. No exercício do teatro comecei a falar menos e ouvir mais.

O namoro com o Hugo finalizou quando eu tinha 20/21 anos de idade. Mas continuei fazendo os cursos de Teatro (naquela época ainda não havia o curso superior na Universidade Federal do Pará - UFPA). Também foi nesse período que comecei a trabalhar. Meu primeiro emprego foi como vendedora no *Shopping* em 1999, em uma loja de *jeans*. Minha mãe começou a cobrar que eu e meus irmãos começássemos a trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Eu prestei vestibular para Jornalismo e Relações públicas; não fui aprovada em ambas. Então fui trabalhar; minha mãe conseguiu uma entrevista para mim, não sabia de que tipo de emprego se tratava, acabei não comparecendo e menti para minha mãe, dizendo que tinha ido. contei toda uma história com começo, meio e fim.

Acabei, depois, indo entregar meu currículo, de loja em loja, no *Shopping*. Em uma das lojas, falei com o dono, de nome Amorim, que me deu uma oportunidade na mesma hora. Entrei na loja e ele contou a história da calça *jeans* e da 501, que era a calça mais cara da loja. Ganhava prêmios quem vendesse mais dessas calças. Amorim tinha uma história de vida muito forte, foi vendedor de laranja na infância. Mais uma vez, o aspecto do *animus* se ativa em mim, representado na figura de Amorim, que me ensinou a importância da iniciativa e capacidade para planejar (VON-FRANZ, 2011).

Com Amorim, aprendi a ter força de vontade (até hoje eu sei onde encontra-lo). Bem, naquele dia, a condição para que eu ficasse com o emprego era a de vender uma calça 501. Foi então a primeira cliente que atendi, aproveitei a oportunidade, a levei para a gôndola das calças. Lá, contei toda a história da calça e a cliente resolveu comprar. A partir de então, fiquei por 2 anos trabalhando nessa loja. No entanto, não queria ser vendedora o resto da vida.

Aos 26 anos de idade, em 2005, comecei o curso Técnico em Teatro na UFPA, que não finalizei. Em 2006, conheci Vladimir, atualmente meu marido, o qual, após alguns meses nos relacionando, fez o convite para morar com ele em outra cidade. Foi então que em 2007 fui morar no Rio de Janeiro.

Um fato muito importante em minha trajetória foi, que quase junto a essa época, ainda em 2006 no auge dos meus 27 anos por já vir tentando compreender a espiritualidade e estar em uma constante busca pelo autoconhecimento e a aceitação de mim mesma, conheci a Doutrina do Santo Daime, da qual sou membro há 11 anos. Foi através desta vivência espiritual que pude perceber, de forma mais consciente o poder do círculo, da roda, da mandala, pois os rituais são feitos em volta a uma mesa em formato de estrela de 6 pontas e, às vezes, sentados ou bailando, cantamos hinos ao som de vários instrumentos musicais e orações, buscamos através da expansão de nossa consciência (êxtase), encontrar o elo entre mente, corpo e espírito (alma). Convergindo com essa vivência espiritual, outra experiência que influenciou minha prática como Contadora e Educadora, foram as danças circulares sagradas, ou seja, a cultura de paz. Em 2011 formei-me pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Mana Maní² como focalizadora de Danças Circulares (uma espécie de condutora da roda), essa metodologia foi criada por Bernhard Wosien (1908-1986), artista e coreógrafo alemão. Estes acontecimentos foram singulares em meu percurso, pois me trouxeram certa maturidade para acreditar no caminho que estava seguindo.

1.2 Plantar para Colher

Ao chegar no Rio de Janeiro, em outubro de 2007, não demorou para que eu fizesse o Processo Seletivo para a Escola de Teatro mais antiga da América Latina, a

² Mana Maní é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público que atua focada no ensino-aprendizagem, interações estéticas, comunicação e cultura transdisciplinar-holística com danças circulares dos povos e corpo-oralidades poéticas amazônica-brasileiras, destacando-se a potência criativa e os valores humanos universais.

Martins Pena, em fevereiro de 2008; não fui aprovada. Uma semana depois, mais ou menos, fui convidada por um amigo, o Anderson Barroso, para conhecer a associação cultural “Nós no Morro”³, localizado na Favela do Vidigal, onde pela primeira vez ouvi falar na arte de contar histórias. Era um projeto muito concorrido, mas enfim, fui aprovada no Processo Seletivo, em março de 2008 e passei a frequentar 3 vezes na semana – participei durante 3 meses. Lá, nós participávamos de várias atividades/oficinas, como Capoeira, Interpretação, Música e, claro, Oficina de Contação de Histórias, ministrada por uma professora chamada Aline. Eu achava muito interessante, gostava muito: nós nos preparávamos em duplas, um fazia massagem no outro; isso lembrava a preparação que se fazia no Teatro, antes do ensaio, da atuação. Ajudava a deixar fluir a nossa história e, por meio das histórias que ouvíamos uns dos outros, tínhamos que fazer uma espécie de costura e criar uma única história.

A professora Aline lançava mão de várias dinâmicas. E algumas utilizo, hoje, nas minhas oficinas. Um dia, falei com ela e disse que tinha achado muito boa aquela forma de fazer arte, que eu gostaria de trabalhar com isso, atuando na área da Educação, pois não queria apenas ser atriz de palco, acreditando que assim, não conseguiria sobreviver financeiramente. Mas para isso, eu precisava de uma metodologia, uma didática, e eu achei naquela forma da professora trabalhar, uma possibilidade interessante. Desejei de me aprofundar naquela técnica de narrar. Foi então que ela disse que os caminhos eram muitos, tinham muitas leituras, muitos cursos, em muitos lugares e que eu deveria procurar.

A maneira como saí da associação “Nós no Morro” foi muito dolorido. Em uma oficina de Interpretação, professora foi substituída por um professor chamado Henrique. Não me identifiquei com ele, não houve, se quer, empatia. Na véspera de uma das aulas, ele advertiu que era para todos irem preparados, pois iria ser “a aula! ”.

A Oficina acontecia fora da sede da associação, tínhamos que descer uma ladeira, ficava em lugar distante, próximo a uma pedra. Quando chegamos, estava tudo escuro, fomos orientados a deitar no chão, de bruços, eu estava apreensiva. Até que apareceram 5 pessoas encapuzadas, com armas de fogo e começaram a aterrorizar, dizendo se tratar de um assalto. Então, eu questioneei o que era aquilo e, de repente, senti

³ Foi fundada em 1986, objetivando proporcionar o acesso à arte e cultura a crianças, jovens e adultos do Morro do Vidigal. Em 2010 foi qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

um forte tapa, com a “costa” da mão, na cara; caí sentada, me encostei no canto da parede e vi tudo acontecer calada.

Ao final, eles tiraram o capuz, entre eles um ator da Rede Globo; constatei que tinha levado o tapa do professor Henrique. Ele começou a explicar a técnica de interpretação, que era a de entrar em contato com a realidade daquilo que iria representar. Mais uma vez questionei, achei falta de respeito, fui literalmente agredida. E concordo com o diretor britânico de teatro e cinema Peter Brook, quando este afirma que existe técnica para representar comportamentos, entre eles o de agredir.

Somente eu questionei, mas talvez este era um dos caminhos dos quais a professora Aline me falara; e cada um, ao seu modo e convicções, escolhe se segue ou não; eu resolvi não seguir este caminho. Ao procurar a Coordenação do Projeto, fui tratada com arrogância, a coordenadora falou que eu tinha ido estudar Teatro no Rio de Janeiro, que eu estava no “Nós no Morro”, onde muitas pessoas queriam estar estudando. Depois, percebi que o professor Henrique não era professor, era “cria” do Projeto, tinha trabalhado com uma famosa preparadora de atores para os filmes brasileiros e, por isso, tinha substituído a professora. Quando saí de lá, fui para a Igreja da religião da qual faço parte, lá consegui me acalmar. Nesse interim, acabei sendo aprovada no Processo Seletivo da Martins Pena, onde estudei no período de 3 anos, e nunca mais voltei no “Nós do Morro”. Iniciava-se, aí, o encontro com outro aspecto do meu *animus*, o condutor do “verbo”, que segundo Von-Franz (2011, p. 194) é simbolizado, muitas vezes, na figura de um professor ou clérigo”.

Foi, então, que conheci o professor Wagner, também de Interpretação. Era um homem excêntrico, de feições sérias, só vestia roupas neutras e usava um chapéu, que parecia nunca tirar. No entanto, ao contrário do encontro com o professor Henrique, com ele houve uma enorme empatia, eu sonhava muito com ele. Lembro que quando eu chagava perto dele, sentia me comunicar, de alguma forma com o meu pai, como se ele trouxesse alguma coisa do meu pai para mim. Mas eu não quis dar vasão para isso, pois como sou muito sensível às questões transcendentais, tive medo de enlouquecer.

O professor Wagner nos apresentou um texto de Denis Diderot⁴ (1713-1784), que tratava da história da família do próprio autor. O exercício era escolher um personagem da história e criar uma nova história para ele, no gênero Épico, narrar uma história com começo meio e fim. Escolhi a Mãe, pois era uma personagem que não era

⁴ Filósofo e escritor francês, conhecido no período do Iluminismo e, também, por ter sido co-fundador, editor, juntamente com Jean le Rond d’Alembert, da *Encyclopédie*.

citada no texto, então criei uma história para ela (De uma mulher, que matava a amante de seu marido que era o pai de Diderot e devido ao arrependimento, se converteu em freira). Foi a partir desse personagem que eu tive certeza do quanto era preciso estudar, se preparar para narrar uma história com começo, meio e fim; e o professor Wagner me incentivou muito. E apesar de sua seriedade e excentricidade, tínhamos uma relação muito boa, conversávamos muito; ele ria comigo. Mais tarde descobri que ele tinha problemas com o álcool e era o Teatro que o mantinha longe da bebida.

Hoje, lembrar isso tudo, me faz refletir o quanto minha identificação com o professor Wagner sempre esteve revestida com a imagem do meu pai (que também tinha problemas com a bebida alcoólica). O professor apesar de simbolizar um aspecto do meu *animus*, ele também traz outro aspecto da minha sombra, a de ter certa predisposição para a bebida. No entanto, concentrei e concentro essa energia para a Arte: o Teatro e a Contação de Histórias. A sombra, na psicologia junguiana, relaciona-se a aspectos da nossa personalidade que, por inúmeras razões, ficam reprimidos no inconsciente. De acordo com Von-Franz (2011, p. 168), “A sombra (...) representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego – aspectos que pertencem sobretudo à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes”. Concentrei e concentro essa energia para a Arte: o Teatro e a Contação de Histórias.

Durante eu estar estudando na Martins Pena, uma amiga minha, Andréia, falou de um curso no Paço Imperial⁵, para eu procurar Francisco Gregório. Foi no encontro com ele, a quem eu chamo de Mestre, que se revelou para mim um grande Amor: a Arte de Contar Histórias. E que para mim, é a Arte que (re) suscita as pessoas, tal qual a história que é narrada no Conto “A Paixão de dizer 1”, da mulher de Oslo, de Eduardo Galeano em o “Livro dos Abraços”, que canta e conta história retiradas dos bolsinhos de sua imensa saia e assim vai ressuscitando os esquecidos e os mortos.

⁵ Edifício de estilo colonial, do século XVIII, localizado no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro e onde funciona um Centro Cultural.

CAPÍTULO 2 – A GESTAÇÃO E O PARTO



Figura 4. Mandala autoral – Re (nascir).

A maternidade é andar sobre cordas de arco-íris. É um limiar entre a loucura e a lucidez. Sou mulher, filha, irmã e mãe. Parí dois filhos e isso me atravessa de tal forma que trago para o meu fazer poético toda a minha essência feminina (Marluce Araújo).

2.1 A Descoberta de um Grande Amor

Ao falar de Francisco Gregório, minha amiga Andréia o elogiou muito, mas, ao contrário do que a maioria das pessoas faz, ela, ao invés de falar das características físicas dele, falou das características mais abstratas, do seu jeito magnífico de ser e viver a contação de histórias. Isso me faz lembrar uma passagem da história de “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, que diz assim: “Quando a gente lhes (às pessoas adultas) fala de um novo amigo, elas jamais se informam do essencial. Não perguntam nunca: ‘Qual é o som da sua voz? (...) Será que ele coleciona borboletas?’ Mas perguntam: ‘Qual é a sua idade? (...) Quanto ganha seu pai?’ (2002, p. 50) – grifo nosso. Assim, ao me informar do essencial, criei uma grande expectativa! O certo é que já fui apaixonada, devido a forma com que Andréia falou dele.

Então, fui ao Paço Imperial (era um lugar belo!), fiz minha inscrição, mas fiquei em uma lista de espera; esperei uns 3 meses, paralelo a isso, eu continuava a estudar na Martins Pena, até que ligaram e eu fui ao encontro que para mim foi o grande dia, pois para mim Gregório simboliza o “sentido”, o sábio guia, que revela uma verdade transcendental à mulher (VON-FRANZ, 2011) e, por isso, é o ápice do encontro com meu *animus*.

A oficina ocorreu em um mês, aos sábados, de 16h-18h. Quando cheguei, as cadeiras formavam um grande círculo e no meio tinha uma cadeira diferente, que girava. A visão que tive me fez pensar em uma mandala. As mandalas estão ligadas aos processos da fantasia, dos desejos, das motivações do inconsciente da pessoa. Para Jung, algumas comunidades primitivas usavam o motivo da mandala para restabelecer o equilíbrio interior perdido. A contemplação de uma mandala pode trazer paz interior, uma sensação de que a vida voltou a se organizar e encontrar seu significado (VON-FRANZ, 2011). E foi isso que senti; senti uma paz e a sensação que eu tive nessa oficina é de que o que estava acontecendo comigo era único/transcendental.

Dito isso, as pessoas foram chegando e quando ele chegou, nossa! Parecia um mago! E quando ele se apresentou e dentro de mim um impacto, uma sensação inexplicável. A imagem dele coincidiu com a imagem que a Andréia me descreveu.

Então, ele chegou, se apresentou – e o mais incrível de tudo é contador (Ciências Contábeis) e contador de histórias por escolha – deu boas vindas e perguntou se tínhamos ido até lá para aprender a contar histórias. E todos nós, uníssonos, respondemos que sim. Sabe o que ele respondeu? Bem, que sentia muito, mas que não iria ensinar ninguém a contar histórias, porque a arte de contar histórias acompanha a humanidade e desde quando o mundo é mundo, nós narramos/contamos “causos”.

A forma com que Gregório nos falava sobre as coisas, me remete a Benjamin (1993), para o qual o narrador é um homem que sabe dar conselhos, então, aprendi com o Gregório que não existe uma técnica específica, o que existe é que cada um, conforme vai estudando, desenvolve a sua técnica. A este respeito, Giordano (2007, p. 171) afirma:

Cada um tem um jeito especial de dizer suas verdades. O humano é um contador de história por natureza. Entretanto, contar histórias, como já dissemos, é uma arte, e como toda arte tem seus segredos e suas técnicas. Um dos segredos mais importante é mergulhar em sua história predileta da infância (...) Mas se há uma receita para o mistério do contar, que esta seja respeitar os passos da história, com introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho. Aí, sim, cada contador pode imprimir sua personalidade na história, ressaltando algumas passagens e priorizando outras. Isto é muito particular e natural de cada contador.

E foi o que ele fez, Gregório compartilhou com todos nós, ali na oficina, a sua técnica. Ele propôs que cada um sentasse na cadeira do meio e contasse a sua própria história em 15 minutos, com começo, meio e fim, aos poucos se vai descobrindo as nuances de uma história. Para ele, todo bom contador de histórias tem que saber contar a sua própria história. Quanto ao fim, nós tínhamos como tarefa, exercitar nossa imaginação, faculdade primordial para um contador, segundo ele. Nós podíamos inventar um final ou finalizar dizendo o que nos levou até ali. O embaraço foi grande, a ansiedade também.

Entendo, agora, quando Benjamin (1993) nos diz que a experiência da arte de narrar está em vias de extinção. Quando Gregório nos pediu que narrássemos nossa história, o embaraço se espalhou, conforme o autor aponta, “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (p. 198). Ele fez um pedido, que prestássemos atenção na história um do outro porque um bom contador é um bom ouvinte. Isso foi tão importante para mim, pois tive que trabalhar a ansiedade que insiste em querer me deixar nervosa. Ele ia chamando aleatoriamente cada um para contar e quem não fosse

chamado naquele dia, poderia ser chamado no próximo e assim por diante. Lembro, que no ápice da ansiedade, já fui pensando em como eu iria contar minha história.

Não fui chamada no primeiro dia. Ele andava por entre nós e entre uma história e outra, fazia seus comentários. Eu só fui chamada no último dia! Acredito que foi melhor assim, pois além de controlar a ansiedade, eu aprendi a ouvir, conforme Gregório nos tinha dito. Somente no terceiro dia que comecei a prestar atenção, de fato, na história dos colegas porque fiquei tão ansiosa que só conseguia pensar na minha história. Eis o sentido da individuação! Foi um momento em que, ao longo dessa minha trajetória, fui ao encontro de mim mesma, ganhando a consciência, o senso de coletividade. Aprendi a ouvir, para depois ter um encontro comigo na história que ia contar!

Eu percebi também que Gregório chamava a todos com um leve toque na testa. E quando menos esperava, ele tocou na minha testa e disse: “Agora é a sua vez, baixinha!”. Senti, nesse momento, o despertar do meu terceiro olho, o sexto Chakra (Frontal): segundo a filosofia yogue, são centros energéticos no corpo humano, que distribuem a energia por meio de canais, que nutrem órgãos e sistemas. Na tradição hindu, o terceiro olho está ligado à capacidade intuitiva e à percepção sutil. Chamado de o Chakra do Comando.

Assim, o fato é que eu já me dirigi ao centro do círculo chorando e ele, calmamente, esperou, até que me recompusesse. Então, comecei a falar sobre de quem eu era filha, sobre a escola, o namoro com o Hugo, com quem eu achava que ia me casar e sobre o Vladimir, que foi a ponte para eu ir ao Rio de Janeiro estudar Teatro, me aprimorar. No entanto, no meio da minha contação, vinha no meu pensamento a questão das minhas extremidades, que conforme já contei acima, são envelhecidas. O fato é que meus pés estavam, nessa época, feridos e eu penso isso como uma reação emocional, porque não foi fácil chegar até ali, no Rio de Janeiro, e por muito tempo cuidei dessas feridas. Isso me faz lembrar o que Gregório disse, que por mais que fizéssemos um *script* do que íamos contar, só contaríamos os fatos que realmente significassem para nós, o que realmente importar, é o que vai emergir. E era exatamente o que vinha no meu raciocínio, a questão dos meus pés. Eu estava emocionada porque não era fácil eu está ali. Finalizei minha história falando da minha ida para o Rio de Janeiro, para melhorar a minha arte. Foi quando ele disse que aprender é uma questão de exercitar: “Aprender só depende de você!”.

Em outra oportunidade, já aqui em Belém, perguntei para o Gregório se a forma com que ele nos chamava – com o toque na testa – era algo especial, então ele me perguntou o que eu achava e eu respondi que eu achava que era algo especial, sim. Ele devolveu: “Então é!”. E ainda acrescentou que a arte de contar é como no teatro, se você não acreditar no que está encenando, ninguém acredita. E no que é que você acredita? Eu acredito quando tocou a minha testa, despertou meu terceiro olho, meu sexto chakra porque um contador de histórias tem que ser sensível, que não vai só olhar, mas sim enxergar o outro, as várias visões de mundo. Ele, então, disse: “Isso culmina com o que eu falo que a palavra “contador” é o que conta a dor do mundo!”.

O Mestre Gregório, assim, foi o mediador de uma grande experiência espiritual, por meio da qual a minha vida adquiriu novo sentido. Meu encontro com ele me trouxe a firmeza espiritual e uma sensação de amparo interior. Foi como se eu me tornasse mais receptiva a novas ideias criadoras, conforme pontua Von-Franz (2011) sobre a atuação do *animus* em nosso psiquismo. Foi a partir do meu encontro com o Mestre Gregório que meu grande amor pela arte de contar se revelou. O universo de contar histórias despontou para mim tal qual a imensidão do mar para Diego, no conto de Eduardo Galeano – A função da arte 1, em que o menino, maravilhado, pediu ao pai: “Me ajuda a olhar? ”. Com a ajuda de Gregório, eu lancei um novo olhar à arte de contar histórias.

2.2 O Nascimento de uma Contadora de Histórias

O que eu denomino como o nascimento de uma contadora de histórias relaciona-se ao meu primeiro trabalho profissional com a educação, envolvendo a contação de histórias, que foi em uma biblioteca de uma escola particular, ainda do Rio de Janeiro. Fui contratada para ser contadora de histórias para os alunos do 1º ao 5º ano. Esse momento era denominado de “A Hora da Leitura”, que tinha como objetivo estimular o hábito da leitura nas crianças. Então, eu utilizava os livros da biblioteca, eu mesmo escolhia as histórias, de acordo com a faixa etária, eu lia e comentava a história. Mas o mais interessante é que eu desenvolvia minha forma de contar, a partir do que me chamava atenção na história, eu criava temas, de acordo com datas comemorativas, ao mesmo tempo, tentava alinhar aos temas trabalhados pela escola. No entanto, eu não só contava histórias: tinha dias que era só leitura, cada um escolhia um livro e um lugar na biblioteca para ler e depois, na roda de conversa, contava sobre o que tinha lido; em

outros dias, eu desenvolvia brincadeiras cantadas, aliás, eu sempre levava um instrumento, uma kalimba (instrumento musical de origem africana, conhecido também como piano de dedo). Eu fiquei nessa escola cerca de 1 ano, quando pedi demissão porque não consegui conciliar com o curso na Martins Pena, que estava finalizando.

Em 2010, eu voltei para Belém com o projeto Morandubas (ganhei uma bolsa de 40.000,00), que trabalhava a cultura do Norte no Rio de Janeiro. Ao invés de contar histórias, nesse projeto, eu ouvia, transformava em contos escritos em cartões postais. E que sensação! A cada história ouvida, eu me sentia na agradável companhia do narrador, conforme Benjamin (1993); eu realmente aprendi a ouvir.

Em meio a isso tudo, tive a oportunidade de participar como coadjuvante de alguns filmes, entre eles, “Nosso Lar” e “As vidas de Chico Xavier”, mas a minha “pegada” sempre foi o teatro, o palco, o povo, meu negócio é o coletivo. Nunca tive o deslumbramento para trabalhar na rede Globo, isso era uma coisa que se acontecesse, seria naturalmente, não por sonho.

Ainda aqui em Belém, eu engravidei do meu primeiro filho, foi que resolvi ficar e fui convidada por uma amiga atriz, Yandra Galupo, para fazer um trabalho com ela que se chamava “Teatro de Origem”, com os contos do “Livro dos Abraços”, de Eduardo Galeano. Foi um trabalho lindo! Muito sonoro, ritualístico, apresentamos em vários eventos. Foi com a Yandra que aprendi a importância do ritual para primeiro envolver o público antes de começar a contar a história. Rememoro, agora, que na escola em que trabalhei no Rio de Janeiro, eu, talvez de forma inconsciente, sempre recebia as crianças cantando: “Bom dia como vai você pode entrar você é bem-vindo...”. Yandra dizia que para contar uma história era preciso envolver o público, criar uma atmosfera favorável, ela mesma utilizava um Maracá.

Foi a partir da minha experiência com Yandra, que fui delineando a minha personalidade de contadora de histórias, pois fui compreendendo para tornar visível e comunicável a minha arte e, convergindo com Rangel 2009, nesse processo construtivo, constituo meu método. Para Rangel (2009, p.99):

A cada criador corresponde uma demanda interna, e como consequência, a cada criador, e a cada processo criativo, correspondem “métodos” diferenciados. Considero que o artista é um pesquisador nato, mas no âmbito acadêmico, além da capacidade de expressar a obra, o artista precisa sentir-se estimulado a discorrer sobre os seus próprios “métodos” e a “experimental” seu pensamento como criação.

Assim, também nesse período, conheci Cleber Cajum e criamos o grupo Mana'Avu, que nasce dentro das danças circulares e significa: “como é belo os pés dos que sobem a montanha e trazem as boas novas!”. As boas novas são as histórias que contávamos e nosso primeiro trabalho foi “O Pequeno Príncipe na Amazônia”, adaptação do clássico de Saint-Exupéry. Daí, foram 3 anos, não paramos mais, começamos a participar de vários eventos intensamente. A maioria das histórias eram criadas por mim e pelo Cleber, entre elas: “A Tartaruga Bailarina”, “Vento Norte, Além Mar” e “Ciranda de Girassóis”.

Em 2013, passamos no vestibular da Universidade Federal do Pará. Eu para Artes Cênicas e Cleber para Artes Visuais. Já na academia, entrei em contato com teorias, práticas: o que é o teatro, como se delineia o espaço teatral e nesse contexto, vislumbrei o que é ser professor de teatro, que para mim, desde o início era a minha essência, mas também, sobrevivência. A partir daí, comecei a trabalhar sozinha com a contação de histórias, mas sempre com o cuidado de possibilitar a sensação lúdica no público. Para mim, lançar mão de um recurso é uma forma de envolver a criança, de fazer despertar o interesse pelo assunto, a imaginação. Foi assim que surgiu a música – meu ritual para envolver o público, o qual Yandra me ensinou – num momento em que fazia meu filho dormir, e me acompanha até hoje, com a qual início as minhas contações de histórias. É como eu convido o público a participar do ritual de contar história, assim eu canto:

Eu vim, estou aqui e vim para contar, contar, contar uma história que há muito tempo ouvi contar. A história é aquela que um dia alguém me contou, agora vou recontar para podermos recriar (parte cantada). O mundo começou a partir das narrativas, quem aqui contar um conto, também pode aumentar um ponto (parte recitada) também pode aumentar um ponto... (cantada). (Marluce Araújo).

Com as passagens grifadas nessa música de abertura rememoro uma canção de Chico Buarque, “Rebichada”, que nos remete a nada mais, nada menos a essa corrente de histórias da tradição oral passadas de geração em geração e que continua encantado, até os dias atuais, adultos e crianças. Eis um trecho da canção:

Essa fábula vem de outro século, pelo fascículo dum alemão. O irmão do alemão deu prum nego, que vendeu prum grego por meio milhão (...) Essa lenda rolou na fazenda, moeu na moenda e espalhou no sertão (...) Não sou eu quem repete essa história, é a história que adora uma repetição, uma repetição...(Chico Buarque de Holanda).

Para Benjamin (1993, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”; comigo não foi diferente e nessa minha busca espiritual, sempre de buscar ter consciência do meu papel aqui na terra, enquanto mãe, educadora, mulher, ser humano; fui trabalhar em um Projeto Social, com oficina de leitura. Deparei-me com 40 crianças, por turma, e estrutura precária. Então, eu levava um apito para recuperar a atenção da turma. E após a música de abertura, começo contando um pouco da minha história e da arte de contar histórias e, como não poderia deixar de ser, trago o mestre Gregório comigo e introduzo a minha forma de recitar o “Era uma vez”: *Há muito tempo atrás, de onde o tempo não volta mais...*

Foi nesse Projeto Social que surgiu também, intuitivamente, a proposta de pedir para que o público, no caso as crianças, juntassem, esfregassem as mãos e as levassem aos ouvidos e depois ao coração, lugar de afeto, da recordação. Para mim, essa parte do ritual é fundamental porque me conecto com o quente/fogo, que auxilia na concentração e prepara para receber a história. “O fogo e o calor são a ocasião de lembranças imperecíveis” (BACHELARD, 2008, p. 11) e ao me conectar com o quente, vivo uma experiência pessoal, conforme Bachelard (2008), o fogo é ultravivo, íntimo, universal, que vive em nosso coração e no céu. E por ser universal, acrescento a minha experiência pessoal, uma experiência que também é coletiva.

Por outro lado, levar as mãos aos ouvidos pode simbolizar o contato com o arquétipo materno, aliás, se prestarmos atenção ao formato das orelhas, veremos que nos remetem ao formato de um feto e para mim é justamente isso! Quando a gente ouve uma história, a gente entra em contato com o maternal, o arquétipo da Grande Mãe. Os arquétipos, segundo Jung *apud* Mendes (2000) são formas de pensamento/comportamento que simbolizam as experiências humanas básicas em qualquer lugar e época. Assim, a origem das narrativas populares está nas camadas profundas do inconsciente coletivo, onde estão as imagens arquetípicas que são comuns a todas as pessoas e formam a base da psique humana (Mendes, 2000). E entre os arquétipos do inconsciente coletivo temos a maternidade.

Segundo Neumman *apud* Rangel (2009), ao sermos cativados-comovidos pelos arquétipos, o indivíduo é religado à humanidade, imerge no fluxo do inconsciente coletivo e regenera pela animação das suas próprias profundezas coletivas.

E para o fechamento desse ritual de apresentação, não posso esquecer-me de falar do Ho' oponopono (uma oração de auto-cura, que se baseia no amor expressado em palavras), que faço durante o esfregar as mãos, é minha forma de oração que falo para mim mesma e para o público, de forma interiorizada: Eu sinto muito, me perdoe, sou grata e eu te amo! A Figura 4 representa o círculo do meu processo de contar, um círculo vivo e dinâmico, como as mandalas.

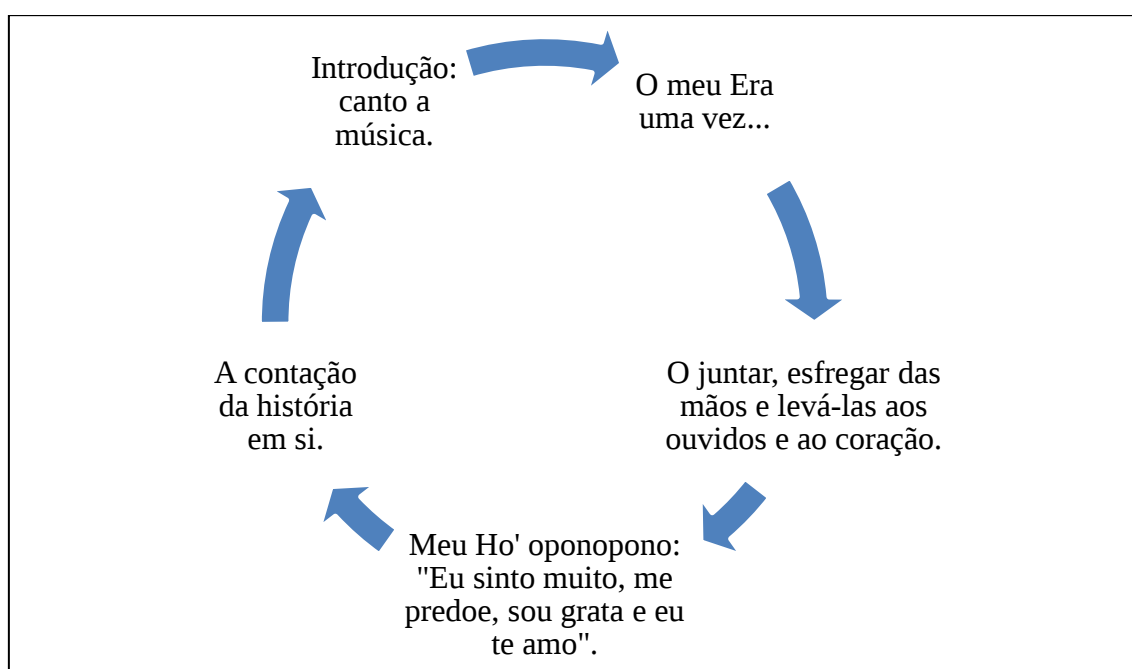


Figura 5. O Círculo da trajetória do meu contar.

Eis que considero o meu nascimento como contadora de histórias! Agora é cuidar e seguir nesse ofício, nessa arte, que enriquece, aquece e estimula a criatividade e nos torna seres humanos mais intensos, plenos e conscientes.

CAPITULO 3 - O CUIDAR



Figura 6. Mandala autoral – Mandala em movimento.

*Oh Contador de Histórias, sede minha ponte
 Para aqueles outros tempos.
 Para que eu possa Caminhar em Beleza
 Com o ritmo antigo e a antiga rima.
 (Jamie Sams - Cartas do Caminho Sagrado)*

3.1 A Menina que (re) Encantou seu Mundo

Uma vez nascida, preciso agora cuidar dessa contadora de histórias e de sua prática com a arte de contar. Pois, como a etimologia da palavra mesmo diz, do latim *cogitare*, “pensar”, “conceber”, “preparar”, ou indo mais longe, é preciso lembrar que o latim *cogitare* decompõe-se em *co* + *agitare*. *Agitare* era a insistência do *agere* (“agir”). A expressão *agitare mente* significava “mover no espírito”, caminhar no pensamento, direcionar ideias, andando com elas. Portanto, neste terceiro capítulo venho discorrer sobre como concebi a narrativa que vou contar no presente trabalho, nesse tão significativo 24 de abril de 2017, mas que, ao mesmo tempo, compõe meu fazer poético.

Trago uma contação de história de minha autoria, contada de forma lúdica, criativa e iconográfica abordando minha trajetória de vida contada por meio do memorial, desde meu nascimento, até o momento que me encontrei com a arte de contar histórias e através dela desenvolver minha prática como artista, pesquisadora e educadora. Narro minha história em terceira pessoa e crio a personagem AUE, com as vogais do meu primeiro nome MARLUCE.

Contar em terceira pessoa se faz importante, na medida em que preciso retirar-me de mim para ver a mim mesma, de forma plena e circular. A história tem esse poder, o contador de histórias possui o dom de ensinar por meio de narrativas sem se referir a uma pessoa em particular. Assim, ele, o contador, consegue indicar indiretamente os pontos particulares de cada pessoa, possibilitando a reflexão, sem que seja exposta na frente dos demais ouvintes. Essa é uma maneira didática de permitir que cada um de nós possamos decidir como aplicar as histórias em nossas vidas (SAMS, 1993).

3.2 Release da História

Em minha prática de contadora de histórias, sempre faço um resumo das narrativas que vou contar. Isso me ajuda na própria composição performática quanto em

me situar de forma mais abrangente na narrativa. Nesse sentido, como ilustração, trago o *release* da história que apresento na defesa do presente trabalho.

Há muito tempo atrás, de onde o tempo não volta mais, nascera uma menina chamada AUE, a menina custou muito a falar, sua mãe mulher de muita fé ouviu dizer que se conseguisse colocar uma ave em sua boca, a menina seria curada como passe de mágica. Porém, sua mãe sabia que não seria fácil capturar uma ave e ao dormir sonhou com um pássaro verde que lhe deu a resposta. No outro dia, sua mãe teve uma grande ideia, resolvendo o problema e foi assim que ela adquiriu o dom da fala. O pássaro passou a visitar a menina em sonhos e como um guardião aparecia sempre que a menina se sentia triste e sozinha. A partir de então, a menina passou a falar e a falar muito como, todos comentavam: Que menina Tagarela! Mas AUE era uma criança feliz e gostava muito de brincar. A menina ficava sempre na casa de sua madrinha para sua mãe poder ir trabalhar, porém foi nessa casa que ela conheceu sua FADA MADRINHA, sua prima Silvia, filha de sua dindinha (como ela mesma chamava). Silvia era quem cuidava de AUE e cuidava de um jeito todo especial, ela lhe fazia companhia e trazia para as tardes que passavam juntas muitas histórias para contar e a menina sempre pedia, CONTA MAIS UMAVEZ! Foi, então, com sua prima, que AUE se encontrou pela primeira vez com a arte de contar e ouvir histórias e, assim, a menina (re) encantou seu mundo, estimulando seu imaginário. Mas, a menina enfrentou, no decorrer de sua trajetória, preconceitos, barreiras e dificuldades por falar muito, por isso decidiu não falar mais para não incomodar, porém seu guardião reservou-lhe lindas e transcendentais surpresas, mostrando através de sua intuição o caminho para o seu (re) nascimento.

3.3 Iconografia

Através do repertório de imagens, trago a descrição e o significado de cada elemento que compõem a minha forma de contar histórias. Segundo Bachelard (1989) *apud* Rangel (2009), a imagem é concebida pela imaginação, a imagem é vívida em sua fulgurância, pois ela supera todos os dados da sensibilidade. Começo, assim, com os elementos de ordem intuitiva e depois os de ordem material.

3.3.1 Elementos Intuitivos

Na construção intuitiva de minha poética como contadora, fui sempre guiada por minha sensibilidade. A arte de contar tem em minha vida um poder de cura e transformação, uma vez que, segundo Giordano (2007), as histórias, com sua riqueza simbólica, são veículos facilitadores de transformação, cura e ampliação da consciência.

Assim, fui buscando caminhos de desenvolver meu ritual próprio para contar as histórias e entrar em contato com o sagrado e o transcendente, estes do âmbito do luminoso porque revelam experiências ligadas ao divino (GIORDANO, 2007). Por isso, trago comigo a meditação de auto-cura denominada de Ho'oponopono para começar cada contação. Este método é baseado no amor expressado através de nossas palavras para chegar até o subconsciente, que é onde residem as memórias que obstaculizam os processos vitais⁶. Medito por meio do Ho'oponopono de forma silenciosa, oferecendo-o para meu público. E peço para que todos se preparem para receber a história, esfregando as mãos, levando-as em seguida aos ouvidos e depois ao coração, enquanto digo silenciosamente: Eu sinto muito, me perdoe, sou grata, eu te amo!

Prosseguindo, vos que falo que a arte de contar histórias é uma arte milenar, passada de geração em geração e através da Palavra, que é sagrada, vamos nos reconectar com nossos ancestrais. E assim abro as portas do Maravilhoso: *Há muito tempo atrás, de onde o tempo não volta mais...*

⁶ Recuperado em http://www.anjodeluz.net/meditacao_hooponopono.htm.



Figura 7. O Esfregar das mãos – Arquivo Pessoal.



Figura 8. Mãos aos ouvidos 1 – Arquivo Pessoal.



Figura 9. Mão aos ouvidos 2 – Arquivo Pessoal.



Figura 10. Mãos aos ouvidos 3 – Arquivo Pessoal.



Figura 11. Mãos ao coração 1 – Arquivo Pessoal.



Figura 12. Mãos ao coração 2 – Arquivo Pessoal.

3.3.2 Elementos Materiais

- **A Saia:** Estilo godê bem redonda, na cor lilás com detalhes verdes, com 4 bolsos.



Figura 13. A Saia – Arquivo pessoal.

A saia (ou vestido) traz para a contação a simbologia da Mandala, símbolo da minha totalidade. Uma totalidade em movimento porque, ao contar histórias, entro em contato com minha mais profunda alquimia, onde busco uma espécie de alívio para meus males físicos e morais. Assim, coloco em prática as 4 direções do meu processo criativo (pensamento, sentimento, intuição e sensação, conforme postula Jung, como forma de lidar com as impressões que recebo do mundo interior e exterior), fazendo fluir melhor a experiência, pois meu contato mais aprofundado e necessário em construir Mandalas se dá de diversas maneiras (dançando, desenhando e colorindo, reciclando, com recursos vivos e naturais, como flores, folhas e sementes) e onde me centro para a construção poético/cênica da contação.

- **A Kalimba:** Instrumento musical milenar de origem africana, feita do fruto da cabaça e teclas em aço, “kalimba” significa “Pequena Música”, tem como evolução de aproximadamente 3.000 anos e era muito usado pelos Griôs e Akapalôs, ao narrarem suas histórias. A Kalimba foi qualificada como instrumento de percussão, mas permite ampliar possibilidades melódicas, suas teclas podem ser afinadas em diferentes notas, formando diferentes escalas musicais.



Figura 14. A Kalimba – Arquivo Pessoal.

A Kalimba é mais um elemento que vem contribuir de forma harmoniosa a minha forma de contar, pois considero de grande importância a utilização de sons (música) para desenvolver a contação. Na apresentação utilizo-a para receber a plateia, além de compor o momento ritualístico, onde toco e canto a canção de abertura para então narrar:

Eu vim, estou aqui e vim para contar, contar, contar uma história que há muito tempo ouvi contar. A história é aquela que um dia alguém me contou, agora vou recontar para podermos recriar. O mundo começou a partir das narrativas, quem aqui contar um conto, também pode aumentar um ponto também pode aumentar um ponto...

Para os povos africanos, a música é percebida como um dos códigos-chave de tradução simbólica da visão de mundo daqueles que a experimentam, um meio de criação e recriação de significados. A música traduz, em si mesma, a cosmovisão africana, transpondo as barreiras do tempo e participando ativamente dos processos de transformação⁷.

- **O pássaro:** De cor verde artesanal.



Figura 15. Pássaro verde – Arquivo Pessoal.

⁷ Recuperado em <https://pt.slideshare.net/MadhavieVirendraPrem/um-estudo-sobre-o-ensino-da-kalimba>.

Este é o elemento fantástico e místico que me acompanha nas contações e trama a narrativa das histórias, pois trago como essência esse símbolo, como um acessório do meu figurino e símbolo de libertação da Marluce tagarela para a contadora de histórias. E na história de apresentação do presente trabalho é utilizado como recurso, por meio do hino 69, do hinário Santo Cruzeiro do Mestre Raimundo Irineu Serra, da doutrina do Santo Daime, da qual faço parte.

69- PASSARINHO

Passarinho está cantando

Discorrendo o ABC

E eu discorro a tua vida

Para todo mundo ver

Passarinho está cantando

Canta na mata deserta

Dizendo para o caçador

Você atira e não acerta

Passarinho Verde canta

Bem pertinho para tu ver

Sou Passarinho e tenho dono

E o meu dono tem poder

Passarinho Verde canta

Com alegria e com amor

Sou Passarinho e canto certo

E com certeza aqui estou

- **Apito:** Em madeira natural, instrumento de sopro que remete ao canto de um pássaro.



Figura 16. O Apito – Arquivo Pessoal.

A história vislumbra o real e o imaginário, em um determinado momento da contação toco o apito para dar vida à imagem do pássaro guardião que acima já foi citado, dando um toque todo onírico a narrativa. Acredito ser através destes momentos suspensos no tempo, que nos dão a sensação de encantamento.

A Carta: Carta de Tarô “O Contador de Histórias” nº 29 do Livro: As Cartas do Caminho Sagrado - A descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos de Jamie Sams, Ed Rocco- 1993.



Figura 17. A Carta 29: Contador de histórias – Arquivo Pessoal.

Esta carta sempre me trouxe muita segurança ao lê-la, pois, ao ter contato com este livro e ao tirar esta carta, seu ensinamento me tocou profundamente como se eu já tivesse lido ou como se já soubesse o que ela interpretaria. Materializá-la na defesa desse trabalho é de extrema importância e poesia, pois ela tem como simbolismo, o que considero minha sorte em encontrar a arte de contar história como cura de mim mesma. Portanto, mergulhar no rio de minha memória, revela-se como minha autoaceitação, não como tagarela, mas mensageira da palavra contada, que é sagrada, fazendo eco, assim, à voz dos meus ancestrais, tal qual o Narrador – conto de tradição oral:

Sempre que uma catástrofe visitava seu povo, o velho homem da aldeia dirigia-se para um determinado lugar da floresta e, lá, ele fazia uma fogueira sagrada e lá dizia uma oração especial e o infortúnio era assim evitado desaparecendo daquele povo. Longos anos se passaram e foi sempre assim. Um dia este homem morreu e esta tarefa coube a outro homem que o sucedeu, e sempre que um infortúnio visitava seu povo, ele conhecia tanto o caminho para a floresta quanto a oração especial, mas não sabia como acender a fogueira sagrada. Mesmo assim a catástrofe os deixava. Assim, foi durante longos anos. Tempos depois a responsabilidade recaiu sobre o terceiro homem que conhecia o caminho para a floresta, mas não sabia fazer a fogueira sagrada e não sabia dizer a oração especial, e, mesmo assim, seu conhecimento era o suficiente para evitar o infortúnio. Um dia este homem morreu e em seu lugar ficou outro homem que não conhecia o caminho para a floresta, não sabia fazer a fogueira sagrada e não sabia como dizer a oração especial. Tudo o que ele sabia era contar histórias dos seus antecessores. Mas isso era o suficiente!

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 18. Mandala autoral – Chama Violeta.

Tentar compreender um processo criativo é realmente desafiador do ponto de vista pessoal/acadêmico, pois ao pesquisar tal processo pude perceber nele uma forte influência de minha vivência pessoal em minha abordagem artística. Acredito que isso aconteça com todos que se lançam neste propósito.

Ao escrever este memorial, pude discorrer de uma forma mais livre e poética sobre meu processo criativo. Considero os encontros com os personagens reais dessa história, encontros sincrônicos, conforme postula Jung (2011), pois foram contatos significativos para o meu processo constitutivo enquanto contadora de história e para minha formação como atriz e professora.

Por meio desses encontros e desencontros, foi possível a criação de novos ciclos de criação, trilhar um caminho instaurador e inspirador para quem for ler e vivenciar minha obra. Assim, a partir de Rangel (2009), compreendi que poderia escrever sobre meu processo criativo e promovê-lo, de modo a apaziguar meus personagens internos, organizando seus diálogos, pois a cada criador corresponde uma demanda interna, assim como a cada processo criativo corresponde métodos diferenciados. E eu encontrei meu modo de ser contadora e contar histórias!

Com o presente trabalho, mostro meu entendimento acerca de meu processo criativo, ao mesmo tempo em que lanço novo olhar para o meu fazer poético e pedagógico. Liberto meu olhar para construir um criativo e cíclico fazer artístico-acadêmico, e com isso ser capaz de compreender meu objeto de pesquisa/trabalho que é a arte de contar histórias, com recursos próprios de desenvolvimento e que apenas aguarda por minha entrega, cada dia mais profunda.

Ao mergulhar no rio de minha memória, narrando minha própria história de vida através de um memorial, me fez tecer uma linda Mandala de cores, cores estas que trago desde meu nascimento até os dias de hoje e que se mostra recorrente em todo o meu fazer como artista e pesquisadora.

Neste trabalho de conclusão de curso, trago através de minha trajetória de vida, como a arte de contar histórias se tornou minha forma primordial de comunicação. Narro este processo com o intuito de olhar para ele de maneira transcendental e global, desde a dificuldade com a fala até chegar à universidade, na qual aprimoro e enriqueço meu fazer artístico.

A partir do que conta minha mãe, vou dando caminhos para eu mesma me reconhecer neste processo que consigo através do conceito de individuação de Jung,

ressignificar minha trajetória, pois uma vez que me torno consciente deste processo, consigo trabalhar de maneira criativa todos os traumas que trago por ser um ser falante.

Estudar Teatro, para mim, foi de suma importância para aprimorar minha forma de contar histórias, além de me colocar mais próxima da Educação, em que descobri meu caminho para estar em sala de aula e o foi o Teatro me deu base para esse desenvolvimento.

Rememoro, ainda, que a arte de contar foi-me apresentada na infância. Então, acredito, convergindo com Bachelard (2006), que uma infância potencial habita em mim! Como contadora de histórias, muitas foram as crianças que tive contato. E quando estou na presença delas, reencontro minha infância nos meus devaneios de contar, mais do que na realidade. “É sempre desse modo, como um fogo aquecido, que a infância pode ressurgir em nós (...) no limite da história e da lenda” (BACHELARD, 2006, p. 95-98). Espero, assim, cuidar sempre da criança que há em mim, para que eu seja mais sensível ao apelo humano dos meus futuros alunos.

Dessa forma, concebo a arte de contar histórias como meu trajeto criativo, com todos esses caminhos trilhados até aqui, como ciclo que nunca se finda, mas dá subsídios para que algo novo nasça ou renasça. Tal qual uma Mandala, crio e recrio meu processo sempre em movimento.

REFRÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARBOSA, Helder de Oliveira. **Crenças e Costumes como Necessidades Simbólicas Sócio-Culturais**. 2011. Disponível em <https://psicologado.com>. Acesso em 12 de Jan, 2017.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política; Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 197-221.

BUBNOVA, Tatiana; BARONAS, Roberto Leiser; TONELLI, Fernanda. Voz, Sentido e Diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268-280, Ago/Dez, 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Athena, 1998.

COELHO, Betty. **Contar histórias: Uma Arte sem Idade**. São Paulo: Ática, 1986.

DIBO, Monalisa. Mandala: um Estudo na Obra de C. G. Jung. **Último Andar**, São Paulo, n 15, p, 109-120, Dez., 2006.

FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de Imagens, Símbolos, Mitos, Termos e Conceitos Bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2013.

FRANZ, Marie-Louise Von. O Processo de Individuação. In: JUNG, Carl Gustav. (Ed.). **O Homem e seus Símbolos**: Nova Fronteira, 2011, p. 160-229.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GIORDANO, Alessandra. **Contar Histórias – Um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

GOMES, Lenice. Cantares e Contares: Brincadeiras Faladas – A Arte de Contar Histórias e as Brincadeiras Faladas. In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice. **Arte de Encantar: O Contador de Histórias Contemporâneo e seus Olhares**. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-30.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos Contos Perdidos: O Significado das Funções Femininas nos Contos de Perrault**. São Paulo: UNESP, 2000.

MATOS, Gislayne A. **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

RIBEIRO, Kelly Cristine. **Contação de Histórias**: Seguindo o Curso de sua Águas. 198 folhas. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RANGEL, Sonia. **Olho Desarmado**: Objeto Poético e Trajeto Criativo. Salvador: Solisluna Design, 2009.

SAMS, Jamie. **As cartas do caminho sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1997.

SHARP, D. **Léxico Junguiano**. São Paulo: Cultrix, 1991.

VON-FRANZ, Marie Louise. Processo de Individuação. In: JUNG, Carl. Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 160-229.